

**FACULDADE AJES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LESLEY STEFANI FURTADO DA SILVA

**A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS E OS
PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM**

JUÍNA – MT
2023

**FACULDADE AJES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LESLEY STEFANI FURTADO DA SILVA

**A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS E OS
PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
para Obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia, da Faculdade AJES. Orientador:
Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia.

JUÍNA – MT
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central

Faculdade AJES

Silva, Lesley Stefani Furtado da.

S586a A Alfabetização e o Letramento de Jovens e Adultos e os Problemas de Aprendizagem.
/ Lesley Stefani Furtado da Silva – Juína – MT, 2023.
35 f.; il. Color. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia.

Trabalho apresentado como avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade AJES, 2023.

1. Aprendizagem. 2. EJA. 3. Alfabetização. 4. Letramento. I. MAIA, Cláudio Silveira. II. Faculdade AJES. III. Título.

CDU 374.7(043)

Bibliotecária Responsável: Deborah Crhistina Martins – CRB1/MT - 3450

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar no caminho certo, tendo todo cuidado comigo me ajudando a vencer os obstáculos e a alcançar meus objetivos.

Agradeço a minha família e ao meu esposo Mario Wilson dos Reis de Amorim por sempre estarem comigo me apoiando e me incentivando, fazendo com que eu não desista dos meus sonhos e objetivos.

Agradeço a todos os professores que me ajudaram até aqui, por sempre estarem me orientando e a Instituição AJES por me proporcionar a oportunidade de realizar este curso superior.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é mencionar a perspectiva da alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos, pois nessa etapa é necessário um conhecimento significativo a partir da utilização das práticas sociais de modo a obter a cognição de modo reflexivo e crítico em todos os envolvidos neste processo. Contudo, não podemos esquecer que há várias práticas de letramento existentes na sociedade, desta forma, o professor deverá mediar o conhecimento ao seu aluno para que este chegue a autonomia, além disso, a pesquisa visa abordar problemas de aprendizagem nessa etapa da educação.

Palavras-Chaves: Aprendizagem. EJA. Alfabetização. Letramento.

ABSTRACT

The aim of this work is to mention the prospect of literacy and literacy in youth and adult education , because at this stage a significant knowledge is required from the use of social practices in order to obtain the cognition of reflective and critical way on all those involved in this process. However , we cannot forget that there are several existing practices of literacy in society in this way , the teacher should mediate knowledge to their students so that it reaches autonomy, in addition, the research aims to address learning problems at this stage of education.

Keywords : Learning. EJA . Literacy. Literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	7
1.1 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	8
1.2 AS DIFERENÇAS ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	11
2 MOTIVOS DE ABANDONO E RETORNO ESCOLAR DA EJA	15
2.1 A APRENDIZAGEM DO EDUCANDO ADULTO.....	16
2.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS QUE SÃO CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO E OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM.....	19
3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	26
3.1 O LETRAMENTO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos passou por um longo processo histórico no Brasil que se origina desde a época da colonização que se deu através do ensino promovido por padres jesuítas e caminhou de acordo com as transformações históricas que ocorriam no país.

O método mobral teve expressiva contribuição para esta modalidade de ensino que se configurou como direito adquirido na Constituição Federal de 1988 e mais tarde inserido na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96.

Há uma notória diferença entre os elementos denominados como alfabetização e letramento, sendo o último uma valorização dos conhecimentos prévios que são trazidos por jovens e adultos aos bancos escolares, este saber deve ser valorizado e tratado com seriedade.

A alfabetização é um processo complexo, desta forma, isso a escola precisa proporcionar ao aluno a alfabetização, sua formação de conceitos que o auxilie no exercício de sua cidadania.

Para o melhor aproveitamento e desenvolvimento da aprendizagem nos adultos, os professores precisam saber que seu papel na alfabetização é fundamental e estar em constante aperfeiçoamento, e acima de tudo, não ficar esperando algo dos governantes ou do sistema para poder formar pessoas pensantes.

É preciso estar em constante reciclagem e buscar métodos diversificados, utilizar uma linguagem mais acessível, observar se os alunos possuem alguma dificuldade, que por vezes, os pais acabam se omitindo por não terem o conhecimento ou até mesmo tempo para ajudá-los.

O professor deve compreender o ambiente onde seus alunos estão inseridos, para que possam fazer um trabalho com mais objetividade e clareza e deve se manter flexível e atento para que não deixe nenhum aluno excluído dos demais, é preciso ajudá-lo a se incluir, e acompanhar o aprendizado da classe e dos seus colegas.

Colello (2005, p.59) afirma que o professor deve promover atividades para que os alunos da EJA se sintam valorizados na escola, tendo a preocupação com a formação para cidadania e que os mesmos se incluam na sociedade como cidadãos de respeito e sabedores dos direitos e deveres.

O objetivo central desta monografia é investigar as melhores maneiras e atividades para a alfabetização e as principais dificuldades encontradas na EJA por professores e alunos. A metodologia para o desenvolvimento dessa monografia é a bibliográfica, além de uma pesquisa quantitativa realizada nas escolas públicas da cidade de São Paulo com o intuito de melhor ilustrar o que foi discutido acerca da Educação de Jovens e Adultos.

O primeiro capítulo irá abordar sobre o histórico da educação de jovens e adultos no Brasil e as contribuições de Paulo Freire que foi precursor desta modalidade no país. O segundo capítulo irá discorrer sobre os motivos de abandono dos educandos que retornaram para cursar a EJA e as dificuldades de aprendizagem desta modalidade. Por fim, o último capítulo vai falar sobre a importância da alfabetização e letramento.

1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.

De acordo com Sheibel e Lehenbauer (2006) o ensino de jovens e adultos no Brasil teria se originado durante o período colonial com a ação dos jesuítas que promoviam o ensino aos indígenas em idade já adulta e posteriormente foi destinado aos escravos.

Ainda de acordo com os autores, em 1930 a partir do movimento intitulado como Escola Nova, durante a gestão do então presidente Getúlio Vargas, houve a popularização do ensino em que se previa o ensino público, laico e gratuito para todos.

Sheibel e Lehenbauer (2006) ressaltam que em 1937, após a elaboração da constituição brasileira, houve a inserção de uma educação voltada aos meios profissionalizantes para as classes mais populares, enquanto as mais abastadas tinham uma educação mais voltada ao acadêmico.

De acordo com Scheibel e Lehenbauer (2006, p.84) o novo método educacional estava focado na preparação das novas profissões que eram exigidas no mercado, contudo, a partir de 1942 houve a criação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) justamente com esta finalidade.

Desta maneira, devido aos elevados índices que havia de analfabetismo no país, houve a criação do Fundo Nacional Primário, que tinha como uma de suas principais funções, garantir o Ensino Supletivo de Jovens e Adultos.

Segundo Oliveira e Paiva (2004, p.83), durante a ditadura a inserção da ditadura militar no Brasil, houve uma significativa diminuição nos métodos de alfabetização de jovens e adultos. No entanto, em 1968 teve a criação do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) com o objetivo principal de promover o acesso a leitura e a escrita.

De acordo com Paiva (1987, p.293) o Mobral foi estabelecido pela lei nº 5379/67 e estabelecia os seguintes princípios:

... ao mobral incumbia promover a educação dos adultos analfabetos, financiando 1/3 de seu custo; cooperar com movimentos isolados de iniciativa privada; financiar e orientar tecnicamente cursos de 9 meses para analfabetos entre 15 e 30 anos, com prioridade oferecida aos municípios com maiores possibilidades de desenvolvimento econômico.

O referido autor, ainda afirma que a prática do mobral estava focada somente em “assinar o nome” e muitas vezes, não havia o estímulo e a criticidade além de sua problematização e significação ao aluno e foram extintas a partir de 1985 e não houve de fato a erradicação de analfabetismo no país.

Paiva (1987, p. 87) afirma que a partir de 1971 foi instaurado o chamado Ensino Supletivo pelo governo que tinha como característica principal, oferecer subsídios para que o educando tivesse a oportunidade de escolarização de todo o ensino básico tendo como legislação que apoiava tal prática a LDB (Lei de Diretrizes e Bases 5692/71), mais tarde na atual LDB elaborada em 1996, o ensino de jovens e adultos assumirá uma modalidade.

A educação de jovens e adultos, mais conhecida como EJA, tornou-se um direito adquirido a partir da Carta Magna do Brasil em 1988, em consonância com a constituição existe a LDB (Leis de Diretrizes e Bases 9394/96) que garante a educação para aqueles que não tiveram oportunidade durante a idade do ensino regular.

O dever do Estado com educação pública escolar será efetivado segundo a garantia de oferta de educação regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidade, garantindo-se aos que forem trabalhadores, as condições de acesso e permanência na escola. (LDB 9394/96)

Desta forma, os educadores devem utilizar estratégias que promovam o aprendizado de forma significativa destes educandos, e que fique claro que os educadores não podem ignorar os conhecimentos que estes indivíduos trazem consigo de forma a garantir o acesso e permanência à escola e posteriormente os níveis mais elevados da educação.

Podemos estabelecer também uma intrínseca relação da educação de jovens e adultos com as mais variadas políticas públicas que não conseguiram suprir o direito que todas as pessoas têm a educação.

1.1 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Segundo Souza (2011, p.59) a partir das ideias de Paulo Freire houve uma

mudança no modelo de alfabetização que era empregado anteriormente, pois havia uma certa tendência a memorização no processo de alfabetização do que a formação de um aprendizado significativo ao aluno.

Freire era um grande questionador das práticas tradicionais de ensino e defensor que para um aprendizado que valorizasse o educando não podia ser algo pronto, mas que fosse construído dia após dia. Para este célebre autor, as práticas antigas de alfabetização era uma das principais consequências da evasão escolar.

Sob o olhar freiriano, foi possível detectar que a alfabetização por meio das cartilhas não agregava em nada ao conhecimento e muito menos correspondia com a realidade da educação de jovens e adultos. O mesmo ainda ressaltou que deveria se alfabetizar para a realidade que cerca o indivíduo.

Conforme explicações de Lopes e Souza (2005, p.11) Paulo Freire educava a partir da seguinte concepção:

[...] baseia-se na realidade do educando, levando-se em conta suas experiências, suas opiniões e sua história de vida. Esses dados devem ser organizados pelo educador, a fim de que as informações fornecidas por ele, o conteúdo preparado para as aulas, a metodologia e o material utilizados sejam compatíveis e adequados às realidades presentes. Educador e educandos devem caminhar juntos, interagindo durante todo o processo de alfabetização. É importante que o adulto alfabetizando compreenda o que está sendo ensinado e que saiba aplicar na sua vida o conteúdo aprendido na escola.

Desta maneira, podemos ressaltar a importância de trabalhar as teorias construtivistas para que o aluno adulto aprenda e permaneça na escola, pois anteriormente aos estudos de Freire, não havia a construção da identidade dos alunos da EJA.

A postura educacional de Paulo Freire sempre esteve pautada no respeito ao educando e o pleno desenvolvimento da criticidade e autonomia, sobretudo o grande teórico que é referencial em termos de educação, resalta que esta não é neutra e que tem total relevância com as políticas públicas aplicadas e devem ser questionadas através da criticidade.

De acordo com Feitosa (1999, p.52), o simples fato da aprendizagem de leitura e escrita estão intimamente ligados a questões políticas, pois ao se alfabetizar, de acordo com o autor, é desafiar o papel que a pessoa assume diante da sociedade,

portanto, um pensamento que vai ao encontro da vertente freiriana.

Outro ponto de grande importância discutido por Paulo Freire (1987, p.25) diz respeito a utilização do diálogo em que o aluno se torna um sujeito participante do processo de aprendizagem e no caso da educação de jovens e adultos, valoriza todo o saber prévio que o adulto já traz consigo na sala de aula. Essa questão de valorização dos conhecimentos trazidos pelo aluno é também ponto central da política educacional de Paulo Freire, pois segundo este teórico, não deve haver nada distante da experiência do educando, o conhecimento deve ser significativo e transformador.

O conceito de educação bancária em que o professor apenas transmite o conhecimento e conteúdos ao aluno é algo totalmente fracassado, Freire(1987, p.69) afirma que o educador deve ser um mediador do processo educativo e transformar o conhecimento que antes era mecânico em um ato reflexivo.

Ainda sob as perspectivas de Paulo Freire (1987, p.35) a educação deve ser transformada através do diálogo e ser entendida como uma prática constante de liberdade, criando uma consciência do aluno que já é adulto sobre o mundo que o cerca, sem deixar de lado a reciprocidade contínua de conhecimento entre professor e aluno.

Contudo, apesar de extrema importância que Paulo Freire exerce sobre educação, em uma entrevista cedida a Pelandré (1998, p.54), o importante estudioso aborda que não considera seus pensamentos referentes a educação como uma metodologia de ensino a ser seguida:

Eu preferia dizer que não tenho um método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo. O que eu tentei fazer, e continuo fazendo até hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou dia dialética da prática educativa, dentro da qual necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método, que eu prefiro dizer que é um método de ensinar. (PELANDRÉ, 1998, p.54)

Diante dessa declaração de Paulo Freire podemos estabelecer que a educação de jovens e adultos na visão do grande pensador exerce um papel de conscientização e que promove uma educação libertadora, além de valorizar a cultura do educando.

Podemos ainda estabelecer a relação de que Paulo Freire pretende conscientizar o sujeito através da educação acerca de sua realidade a fim de transformá-la, tendo a existência do diálogo e valorização dos saberes prévios dos educandos, pois apesar de não serem alfabetizados, possuem o que é chamado de letramento.

1.2 AS DIFERENÇAS ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Soares (2010, p. 56) afirma que a comunicação é algo essencial para o convívio da sociedade e que está presente em todos os espaços dos nichos sociais, mesmo aquelas pessoas que por algum motivo não dominam o código escrito precisam se comunicar diante do processo de socialização.

A alfabetização é um processo amplo, desta maneira, a escola precisa proporcionar ao aluno a alfabetização, sua formação de conceitos que o auxilie no exercício pleno da cidadania.

Para o melhor aproveitamento e desenvolvimento da aprendizagem nos adultos, os professores precisam saber que seu papel na alfabetização é de extrema importância e por este motivo devem estar em constante processo de formação.

Soares (2010, p. 56), afirma que a alfabetização se caracteriza por um processo de aquisição do código escrito além da aquisição das habilidades leitoras e escritoras

Ferreiro (2007, p. 38), afirma que antes a alfabetização estava focada somente na sala de aula pautado somente em teorias tradicionais que visavam os métodos mecânicos.

Teberosky (2007, p.64) aborda que o conceito de alfabetização preferência a decodificação, ou seja, pleno domínio do código alfabético, sem levar em consideração o uso social da leitura e da escrita, pois práticas escolares de letramento ficam focadas muitas vezes somente à alfabetização e ao ato de ensinar a ler e escrever, sendo que vai muito além disso, também está ligado ao conhecimento de mundo.

Já o letramento está mais atrelado ao conhecimento de mundo que este adulto traz consigo para os bancos escolares e que pode ocorrer independente do indivíduo estar alfabetizado ou não, como afirma Marcuschi (2008) em sua obra:

O letramento envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda(...) Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não aquele que faz o uso formal da escrita. (MARCUSCHI, 2008, p.25)

Desta forma, podemos perceber que a alfabetização que será ensinada a estes adultos no EJA, irá abordar as questões da ciência, a transformação a partir do senso comum, portanto, o conhecimento oriundo do letramento é de extrema importância e não deve ser ignorado, pois é este que tem um grande significado ao público alvo da educação de Jovens e Adultos.

Conforme afirmativas de Soares (2003, p. 23), o de letramento em seu contexto histórico e social, surge nos países desenvolvidos em que o problema de analfabetismo é quase nulo, a fim de se promover uma maior democratização do ensino e um desenvolvimento do cognitivo, no entanto o Brasil a questão do letrar surge quando se percebeu que muitas pessoas classificadas como alfabetizadas, não sabiam fazer uso propriamente dos códigos da língua.

Soares (2002, p. 75) ainda menciona que com a chegada no novo século, existem novas e diferenciadas formas de letramento, pois a globalização culminou com o surgimento das novas tecnologias com como computador e a internet, as pessoas agora devem ser letradas digitalmente.

Ainda de acordo com Soares (2002, p.76), a tecnologia e conseqüentemente as novas práticas de escrita contribuem para que o indivíduo e que tanto no mundo digital, quanto no mundo global as particularidades de aprendizagem de cada educando devem ser levadas em consideração.

O letramento também ocorre em diferentes escalas, existe o letramento escolar, que ocorre nas instituições e também o não – escolar, que ocorre fora da escola, ou seja, na própria sociedade em que a pessoa está inserida., deste modo, as duas modalidades devem ser levadas em conta, visando a apropriação do aluno e sua significância.

Soares (2010, p.52) ressalta que na alfabetização é indispensável a

aprendizagem do código escrito, mas as escolas também devem ensinar as funções da linguagem, pois pertencemos a um mundo escrito e esta linguagem também possui, entre suas funções, exprimir tudo o que os sentimentos não são capazes de expressar, através da palavra.

Portanto, alfabetização e letramento são dois fatores diferentes, e possuem formas e maneiras distintas de se aprender e de formar conhecimento, e que não só a escola é responsável por esta aprendizagem, mas o meio em que a pessoa está inserida, família e sociedade também são incumbidas pelo letrar.

De acordo com Soares (2010), o letramento é uma nova prática em questão de aprendizagem dos códigos escritos e de fato surgem novas ideias de compreensão e valorização da linguagem escrita. Assim, Soares (2010), enfatiza que o sentido da palavra “literacy vem do latim: liteira, letra”.

Soares (2010) destaca que durante muito tempo, o analfabeto era o indivíduo que não sabia escrever o próprio nome. Mas atualmente o que define o analfabeto é a simples escrita de um pequeno texto. Ou seja, da verificação de apenas a habilidade de codificar o próprio nome passou-se à verificação da capacidade de usar a leitura e a escrita. (SOARES, 2010, p.67)

Todavia, Soares (2006, p. 73) verifica que a língua falada é resultado a do letramento, motivo que e é função da escola desenvolver no indivíduo o domínio da linguagem falada corretamente aceita.

Define-se por letramento o uso da leitura e da escritura e percebeu-se que as vezes, as pessoas não têm o domínio dos códigos, mas domina a questão do letramento por meio do cotidiano e sua praticas sociais.

Soares (2006) afirma que o letramento envolve a leitura sendo um conjunto de habilidades assim como escrever, que compõem o processo de produção do conhecimento. Portanto:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. É o estado ou a condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Apropriar-se da escrita é torná-la própria, ou seja, assumi-la como propriedade. Um indivíduo alfabetizado, não é necessariamente um indivíduo letrado, pois ser letrado implica em usar socialmente a leitura e a escritura e responder às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES: 2006, p.6)

Portanto para a autora, o letramento é mergulhar com a leitura. Mas há diferentes tipos e níveis de letramento, isso depende das necessidades, da criança e do meio social no qual está inserido.

O indivíduo letrado é aquele que aprende a leitura e a escrita e faz uso desses elementos, e se envolve em práticas sociais com o uso frequente dessas habilidades.

Soares (2006, p, 67-72) aponta dois elementos essenciais de letramento “Dimensão Individual e Dimensão Social”.

Para Soares (2010, p.20), a leitura vai além da decifração das letras e códigos, a leitura demonstra as habilidades sobre a língua e da capacidade concreta de comunicação. A segunda dimensão do letramento de acordo com Soares (2006, p. 84) é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social e de certa forma dependem destes para viver em na sociedade letrada.

As relações entre letramento e sociedade não podem ser separadas de seu uso, pois é das experiências cotidianas que a maior parte das pessoas tem conhecimento de fato, do letramento.

Portanto, para Soares (2006, p. 90), o letrar é importante para o desenvolvimento cognitivo e econômico e progresso da cidadania e também econômico do indivíduo.

Segundo Soares (2010, p.39), Paulo Freire foi um dos primeiros educadores a realçar o poder revolucionário do letramento, pois só assim, o indivíduo poderia transformar o mundo e sua realidade.

Soares (2010, p.85) afirma que a verdadeira natureza do letramento são as formas que as práticas de leitura e escritura são assumidas diante dos contextos sociais. Mas isso depende das instituições sociais que propõem e exigem essas práticas. Assim, entende-se que o letramento melhora a consciência de cada um, seja ela na interpretação da própria vida ou na própria atuação na sociedade.

2 MOTIVOS DE ABANDONO E RETORNO ESCOLAR DA EJA

Ramalho (2010, p.79) classifica evasão como uma expulsão escolar devido ao fato dela sempre estar relacionada a uma imposição, geralmente social que obriga o estudante a largar os estudos, majoritariamente essas condições estão relacionadas ao trabalho.

Souza e Alberto (2008, p.74) também afirmam que o trabalho além de ser uma necessidade na classe mais humilde, ainda é característico como privilégio por muitos:

Para a criança e adolescente das classes populares, determinados privilégios desfrutados no seio familiar são perdidos à medida que esses sujeitos crescem e passam a ter condições de fazer certas tarefas. Esse fato vem ratificar a cultura do trabalhador, segundo a qual, para os filhos das classes populares, trabalhar, mesmo em idade precoce, é uma forma de ocupar o tempo e aprender um ofício. Nesse sentido, o trabalho é entendido não só como uma necessidade, mas também como uma virtude. (SOUZA;ALBERTO 2008, p.74)

Fortunato (2010, p.53), afirma que além da questão do emprego, muitos jovens abandonam o ambiente escolar por desmotivação, dificuldades de aprendizagem e até mesmo desinteresse pelo conteúdo que é abordado em sala de aula, visto que este saber deve estar relacionado ao conhecimento do educando.

Em outros casos, quando o aluno já frequentou a escola anteriormente, há uma certa resistência ao retornar, de acordo com Ceratti (2008, p.29), muitos sentem vergonha ou não conseguem conciliar o horário de estudo com o trabalho e optam pela Educação de Jovens e Adultos.

Vários pesquisadores abordam os danos do trabalho precoce que muitos são submetidos, é o caso de Souza e Alberto (2008, p.43):

No caso dos trabalhadores precoces, a rotina de trabalho, que lhes causam cansaço físico (dores no corpo, na cabeça), sobrecarga de responsabilidades e desânimo, priva-os da brincadeira, e não raro, de estudar, passando a se tornar referência primeira em termos do conhecimento ao invés das vivências escolares. Enquanto alunos, eles se atêm prevalentemente ao conhecimento do senso comum e das experiências cotidianas, o que contribui para que se tornem leigos no domínio dos conhecimentos científicos e no capital cultural requerido nas sociedades escolarizadas. Assim, tendem a fracassar na escola, pois nesta, são exigidas habilidades pautadas em parâmetros que somente a educação formal poderá oferecer, entre as quais: raciocínio lógico, pensamento abstrato, linguagem conceitual, conceitos aritméticos e algébricos, entre outros. (SOUZA;ALBERTO 2008, p.43)

Desta maneira, o ensino da EJA deve estar pautado no conhecimento de mundo dos educandos, pois estes não são como aqueles que frequentam o ensino regular, muitos voltam pois acabam assimilando a grande importância das instituições escolares como afirmam os estudos realizados por Souza (1994) Haddad (2007, p.205) afirma que além de fatores internos como a dificuldade de aprendizagem, há elementos externos como a precariedade financeira, pois muitos alunos se condicionam a exaustivas horas de trabalho e

esses motivos fazem com que os alunos comecem a evadir da EJA.

Haddad (2007, p.207) também afirma que antes a maior parte das pessoas que cursavam a Educação de Jovens e Adultos eram pessoas mais idosas oriundas de áreas rurais, contudo, hoje temos nos bancos escolares jovens urbanos que de certa forma evadiram devido a questões profissionais e necessidades que agora retornam para obter o diploma da educação básica.

Santos (2003, p. 89) ressalta que uma das maiores dificuldades encontradas nos alunos de EJA é a conciliação entre o trabalho e o estudo e o próprio desânimo que pode ocorrer pela correria do dia a dia.

Contudo, ainda Santos (2003, p.68) ressalta que os mesmos alunos que deixam a escola por conta da vida frenética do capitalismo, retornam as instituições escolares por pressões da própria sociedade.

Entretanto, Haddad (1998) reforça a ideia que é preciso criar mecanismos para a frequência e permanência destes alunos na EJA:

[...] não basta oferecer escola; é necessário criar as condições de frequência, utilizando uma política de discriminação positiva, sob risco de mais uma vez, culpar os próprios alunos pelos seus fracassos. (HADDAD, 1998, p.16)

Ou seja, é preciso estar sempre atento aos motivos que levam jovens e adultos a evadirem da Educação de Jovens e Adultos, para que desta forma, haja cada vez mais pessoas concluindo seus estudos para que se tornem inseridos em nossa sociedade que é cada vez mais excludente.

2.1 A APRENDIZAGEM DO EDUCANDO ADULTO

De acordo com Muchielli (1981, p.58) os alunos adultos são diferentes dos

demais que ministramos aulas, pois estes ingressaram muitas vezes cedo na vida profissional e que pode tomar plenas decisões de sua vida.

Bellan (2005, p.42) afirma que muitas vezes este aluno vem para aula cansado e toda a experiência de vida que estes educandos trazem precisam ser levadas em conta dentro da sala de aula durante o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Freire (1992, p.74), as relações que os homens mantêm com o mundo independe se ele é alfabetizado ou não, pois as pessoas são seres históricos e sociais que se comunicam constantemente. Além da grande velocidade de informações que estão sujeitos, seja através da grande mídia televisiva, internet entre outros.

Contudo, Freire (1980, p.28) define que o conhecimento é algo sempre inacabado e que a educação crítica considera os seres em desenvolvimento e é desta maneira que ocorrerá o ensino, uma troca incansável de experiências entre o aluno adulto e o educador.

Muchielli (1981, p.62) retoma a ideia que temos que motivar e conquistar os alunos da EJA constantemente e que os educadores devem acreditar que assim como as crianças, durante o processo de ensino aprendizagem, estamos formando pessoas que atuarão para agir na sociedade, torná-los críticos, reflexivos e mais humanizados.

Freire (1997, p.89) afirma que “ o ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilitar sua produção”, ou seja, o educador deve contar com todo o conhecimento de mundo que o jovem e adulto dispõe até mesmo para que a aula seja mais dinâmica e que não esteja distante do mundo que estes alunos se encontram.

Vogot e Alves (2005) ressaltam a importância da andragogia que é uma ciência que se preocupa com o aprendizado do aluno adulto:

O termo andragogia foi formulado originalmente por Alexander Kapp, professor alemão em 1833, caiu em desuso e apareceu em 1921, no relatório de Rosenstok sinalizando que a educação de adulto requer professores, métodos e filosofia diferenciados. Eduard Lindeman em 1927, adotou o termo de Rosenstock em 1927, adotou o termo e usou- o poucas vezes nos Estados Unidos. O vocabulário andragogia foi utilizado amplamente, desde a década de 60, na França, Yugoslávia e Holanda para se referir a disciplina que estuda o processo da instrução de adulto ou a ciência da educação de adulto. (VOGOT;ALVES,2005, p.42)

Essa não é o primeiro debate de discussão em torno da educação para adultos,

em 1949 a UNESCO já debatia sobre a questão:

Desde a primeira Conferência sobre a Educação de Adultos em 1949, a UNESCO tem trabalhado com os Estados-membros para assegurar que os adultos exerçam o direito à Educação. Em 1976, a Conferência Geral da UNESCO aprovou a Recomendação de Nairóbi para o desenvolvimento da Educação dos adultos, que consagrou o compromisso dos governos em promover a educação dos adultos como parte integrante do sistema educacional, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. (UNESCO, 2010, p.12)

Desta forma, Knowles (1980, p.44-45) afirma que a aprendizagem dos alunos jovens e adultos se configura da seguinte maneira:

Tabela 1. Aprendizagem dos alunos e jovens e adultos.

Autoconceito	Caminhar para a autonomia e transformação de um cidadão melhor
Experiência	Existe um grande concertação de experiência acumulada que aguarda a transformação do saber.
Aprendizagem	Se orienta através do desenvolvimento dos papeis sociais
Tempo	Varia de acordo com cada aluno, contudo o tempo está focado na resolução de problemas.
Motivacao	A motivação é interna e deve ser frequente do aluno maduro.

Com análise da tabela é possível perceber que os alunos adultos estão interessados em um aprendizado a curto prazo que esteja ligado a suas condições profissionais, como afirma Gadotti (2003)

O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois sua ignorância lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente, em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. (GADOTTI, 2003, p.39)

O mesmo autor ressalta que trabalhar a andragogia, é muito diferente de se trabalhar com a realidade das crianças que também não são tábuas rasas do conhecimento, contudo, a maior parte dos docentes apenas incorporam essas metodologias com o tempo em que atua na sala de aula.

2.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS QUE SÃO CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO E OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

O analfabeto funcional atualmente é vítima de discriminação na sociedade e dificilmente conseguirá um posto de prestígio já que somos característicos de um mundo letrado, isso acarreta também em suas realizações básicas por não receber um salário digno.

Muitas vezes os alunos fogem dos bancos escolares pois tem dificuldades com a leitura e escrita e não consegue acompanhar os demais colegas, por vergonha e se sentir excluído a evasão escolar é um dos mais graves problemas que encontramos atualmente.

O analfabetismo funcional, pode ser entendido sob duas vertentes, um descaso das políticas públicas e ou estratégia encontrada pelos governantes para simplesmente dominar a população e adquirir mão de obra barata para a realização dos mais diversos trabalhos.

Muitas vezes mesmo após sair dos bancos escolares, muitas pessoas sofrem com isso, que não consegue nem ao menos interpretar situações cotidianas de seu trabalho.

Nos últimos anos houve uma baixa no número de alunos analfabetos completos, mas, no entanto, o grau daqueles que são considerados analfabetos funcionais cresce a cada dia e é infelizmente um dos maiores problemas dos países industrializados ou em ascensão, que também merece um estado de alerta.

A principal maneira de solucionar essa situação é alfabetizar um número maior de pessoas com maior qualidade, incentivo à leitura e mais atividades que estimulem o cognitivo e a criticidade do educando.

Contudo, pensando em minimizar cada vez mais o analfabetismo no Brasil, não basta ficar restrito somente nas práticas de alfabetização, mas também na valorização do profissional da educação, pois este deve ter um capacitação e apoio durante a suas práxis educativa.

Portanto, podemos citar a grande importância da alfabetização e letramento, pois se esse aluno está com dificuldades, o profissional será capacitado para ter

iniciativas criativas para superar as dificuldades do educando maduro, pois o processo de alfabetização e letramento é muito complexo e os estados e municípios deverão ter um maior cuidado quanto a isso.

Logo, se o objetivo principal desse plano é a alfabetização eficaz dessas crianças, se tem também uma preocupação com o futuro do país, pois para que ele se desenvolva precisamos de mentes pensantes e não apenas reprodutoras, pois ser letrado não é apenas decifrar códigos e sim se tornar autônomo, independente e cidadão crítico.

A Unesco começou a estabelecer os termos de analfabeto funcional em meados da década de 1970, e ficou característico como pessoas que conhecem as grafias e reproduzem a língua escrita, mas que não faz uso corretamente por falta de uso e exercício com estas.

Pode-se ressaltar que um país que tem problema com analfabetismo exprime sérias consequências para a política e economia do país e este fator está relacionado com a educação de jovens e adultos.

Existem muitas dificuldades no processo de educação de jovens e adultos entre elas podemos destacar a formação do professor como resalta Camargo (2005, p.25):

O País encontra-se numa encruzilhada, onde, por um lado, se vê a cada dia um crescente número de analfabetos funcionais e, por outro lado, poucas ações concretas são implementadas pelo Estado Brasileiro na formação de professores com capacidade de dar conta do desafio de minimizar o crescente analfabetismo, seja funcional, absoluto, digital ou tecnológico, especificamente, no que se refere à profissionalização do professor e Jovens e Adultos. (CAMARGO, 2005, p.25)

A autora também ressaltar que os professores sentem muita dificuldade em lecionar para a EJA, pois estão acostumados a trabalhar com o ensino regular e precisam mudar de didática ao explicar conteúdos para esse novo público. Outra dificuldade existente refere-se a quantidade de conteúdos para serem trabalhados em um curto período de tempo, ou seja, um semestre além de todas as peculiaridades desse público.

Existe uma certa crítica que de acordo com Oliveira (2007), que os educadores muitas vezes utilizam as mesmas técnicas que são utilizadas com os educandos do ensino regular, gerando uma certa infantilização dos conteúdos, desta maneira, é

possível perceber que deve haver posturas diferentes do profissional da educação em lecionar para esses níveis de educação:

Não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modos privilegiados de abordagem dos mesmos seguem as propostas desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professorado e com a infantilização de pessoas que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que mereceriam maior atenção, são muitos (OLIVEIRA, 2007, p.88)

A autora coloca essa utilização de postura como um dos grandes problemas que são encontrados na EJA, pois desta maneira, não há uma valorização dos saberes que os jovens e adultos trazem consigo, que tem muito a ver com o que foi discutido anteriormente com a questão do letramento.

Contudo, a autora também deixa críticas em relação a formação deste profissional da educação, pois muitas vezes as universidades não contemplam essa modalidade de ensino e que esta ação deveria ser repensada de modo a valorizar as práticas docentes que envolvam este público.

Assim, se vê a importância de o professorado manter as práticas de ser um docente reflexivo e dar uma atenção maior para a formação continuada para que possam aperfeiçoar as práticas de ensino e aprendizagem direcionadas a Educação de Jovens e Adultos, como afirma Ribas e Soares (2012):

[...] faz-se necessário uma qualificação dos profissionais envolvidos neste processo, é fundamental que a equipe docente esteja bem preparada, por este motivo é extremamente importante uma formação continuada, onde todos tenham a oportunidade de repensar a sua prática. Pois, a formação continuada é um processo possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional contemporâneo. (RIBAS e SOARES, 2012, p.5)

Logo, ao analisar tais dificuldades a partir de análise bibliográfica se fez necessário uma realização de pesquisa com o objetivo de identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos educadores desta modalidade de ensino e conseqüentemente com os alunos que frequentam a escola e são matriculados na Educação de Jovens e Adultos.

Na escola, o aluno socializa, entre outros elementos, conceitos, comportamentos e atitudes, num universo em que se articulam o saber, o sentir, o

valorar. A vida em sociedade organiza-se tomando como referência valores que, no desenvolvimento do processo educativo, são construídos e reconstruídos. O aluno deve reconhecer a presença dos valores em seu aprendizado, identificar as relações entre o aprender e em selecionar as informações, e refletir sobre a importância destes para a afirmação de valores éticos para a construção do conhecimento.

Há, entretanto, algumas perguntas para as quais não se tem as respostas óbvias. Elas fazem com que se reflita o porquê do fracasso escolar, pois apontam para situações vivenciadas no dia a dia da escola.

Quando se fala em fracasso escolar, além de tentar analisar os fatores que contribuem para o seu surgimento, é necessário ter o conceito do seu oposto: a aprendizagem.

Aprendizagem é um processo vincular, ou seja, que se dá no vínculo entre quem ensina e quem aprende, ocorre, portanto, entre subjetividades. Para aprender o sujeito coloca em jogo seu emocional, seu corpo e sua inteligência. A aprendizagem tem um caráter subjetivo, pois o aprender implica desejo que deve ser reconhecido pelo aprendente.

A aprendizagem é a ligação de fatores entre o saber, conhecimento e informação, de maneira geral, o fracasso escolar pode ser visto por duas diferentes abordagens: fatores internos e externos à escola.

Perrenoud (2000) diz que “é a própria organização escolar do trabalho pedagógico que produz o fracasso escolar”. E afirma que:

[...] definir fracasso escolar como consequência de dificuldades de aprendizagem é uma visão naturalizadora, que separa os que têm êxito dos que não têm êxito e que o sentimento de fracasso experimentado por um aluno, muitas vezes, é a interiorização do julgamento da instituição escolar expresso pelo professor no seu alto saber. (PERRENOUD, 2000).

Porém, não se pode descartar os distúrbios comportamentais que estão relacionados a uma série de fatores que podem implicar na aprendizagem, resultando no fracasso escolar.

O professor deve identificar o perfil cognitivo do aluno, potencializando suas dificuldades, e observando situações no qual possa perceber algum transtorno/distúrbio que poderá afetar a aprendizagem deste aluno. A compreensão

do fracasso escolar enquanto processo psicossocial complexo está muito além das evidências dos altos índices de evasão e reprovação escolar.

A natureza das disfunções na aprendizagem deve ser considerada como consequência de inúmeros fatores como citado anteriormente. De fato, dificuldades, transtornos, distúrbios e problemas, de aprendizagem são expressões muito usadas para se referir às alterações que muitas crianças apresentam na aquisição de conhecimentos, de habilidades motoras e psicomotoras, no desenvolvimento afetivo.

É importante entender o processo de ensino aprendizagem. A interação em sala de aula é um fator de muita importância e, por esta razão, a descrição dos padrões de interação próprios das situações didático-pedagógicas escolares tem que ser determinadas de acordo com a realidade na qual está inserida.

Ao longo do desenvolvimento, estes transtornos comportamentais ficam associados ao aumento do baixo desempenho escolar, repetência, expulsões e suspensões escolares. As relações difíceis com os familiares e colegas, o desenvolvimento da ansiedade, depressão, baixa autoestima, problemas de conduta e delinquência, experimentação e abuso de drogas precoces, também estão associados aos distúrbios e é fundamental a procura de ajuda especializada para dar suporte aos professores e auxílio às famílias.

O autor Bosi (1993) afirma:

A escola fundamental [...] deveria ser, em um regime plenamente democrático, uma via de acesso sempre renovada à Natureza, uma introdução larga ao conhecimento do Homem e da Sociedade, uma ocasião constante de desenvolvimento da própria linguagem, como expressão subjetiva e comunicação intersubjetiva; enfim, um despertar para que o mais humano e belo tem produzido a imaginação plástica, musical, poética no Brasil ou fora do Brasil. Este ideal, que forma o ser consciente das conquistas do gênero humano, não pode ser barateado nem trocado por esquemas inertes ou migalhas de uma informação científica ou histórica. (BOSI, 1993).

Há muito está posto o desafio de construir práticas educativas que conduzam para além do simples reconhecimento das diferenças e da realidade. Práticas educativas em que a repetição e a reprodução, sejam dos conteúdos escolarizados, seja dos modelos da sociedade de consumo deem lugar ao entendimento e à descoberta construídos por meio do diálogo, da comunicação e do questionamento de saberes e fazeres de cada um e de todos.

Por isso, tem-se questionado, de uma forma racional, a possibilidade da coexistência dos mais variados tipos de “modelos”, de modo que provoque o encontro e o debate de significados e sentidos para uma escola

As dificuldades de aprendizagem podem ser as causas dos problemas afetivos e de conduta de muitos alunos. um problema leva ao outro criando um ciclo difícil de ser rompido, cabendo aos pais e aos professores observar as atitudes e postura dos menores, a fim de identificar a causa de suas dificuldades (emocionais, de conduta ou de aprendizagem) para que se possa atuar da melhor forma no rompimento desse processo destrutivo.

Porém, um dos problemas que mais preocupam é a violência. E esta pode ser classificada por dois tipos: a violência que tem como finalidade solucionar conflitos e a violência gratuita. A primeira é um tipo de agressão que, infelizmente, é muito comum na nossa sociedade que prefere não resolver os conflitos de maneira pacífica (exemplo: as guerras). A violência é utilizada para a resolução do conflito. Na escola percebe-se o mesmo.

Os alunos não conversam para resolver seus conflitos, partem logo para a agressão, não se importando com as consequências que seus atos podem proporcionar. Isso gera um clima de desconfiança nas relações, dificultando a cooperação e o bem estar no ambiente escolar. O segundo tipo de agressão é tão destrutivo quanto o primeiro. Faz a vítima que sofre a agressão gratuita uma pessoa desprovida de autoestima, ansiosa, depressiva, com constante sensação de medo e forte rejeição a escola. Além disso, traz consequências para o próprio agressor que se torna uma pessoa que não consegue conviver com o diferente e nem lidar com as contrariedades da vida.

Muitas vezes, usam a violência para tornarem-se líderes de gangues ou de locais onde costumam frequentar, mesmo se esse lugar for a escola.

[...] nessa dinâmica, as relações sofrem deteriorações difíceis de reparar, pois as pessoas envolvidas tiram o pior de si mesmas, a colaboração torna-se difícil, árdua e, às vezes, impossível, a convivência pode criar problemas sérios nos grupos e nas pessoas mais preocupadas em molestar os outros e a fazer esforços de todo tipo para suportar os conflitos. (LÓPEZ, 2004).

Segundo LÓPEZ (2004), é possível destacar quatro dimensões principais que devem ser objeto de atenção no contexto escolar: pessoal, cognitiva, afetiva e de

conduta. Destaca também os conteúdos emocionais e sociais para o bem-estar e apoio dos alunos com problemas escolares:

- Personalidade: autoestima – geral e escolar; autoeficácia; lugar de controle.
- Cognitivos: visão positiva (do ser humano); juízo moral (pós-convencional); valores (diversidade, tolerância, etc); planejamento de metas realistas.
- Afetivos: empatia; amizade; rede social; relaxamento; autocontrole emocional.
- De conduta: habilidades sociais; habilidades interpessoais; conduta pró-social; controle de agressividade.

Enfim, em todas as situações, os professores devem ter um olhar atento e sensível a estas questões do cotidiano escolar. Buscar a identificação dos problemas afetivos e de conduta, analisar suas possíveis causas e agir da melhor forma para melhorar a convivência dos alunos. Portanto, a estratégia mais adequada é a prevenção. O desafio é procurar que os alunos se rendam bem sem por em questão o seu bem-estar.

São necessários programas formais de intervenção com as famílias, palestras nas escolas, para que esta proposta preventiva tenha o efeito esperado.

3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

De acordo com Soares (2008), alfabetização é característico por um processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita, que depende de uma representação de fonema em grafema e vice-versa, mas é também um processo de compreensão e expressão de significados através do código escrito. Ou seja, para a autora:

[...] o processo de alfabetização não ocorre da mesma maneira em diferentes regiões do país, porque a distancia entre cada dialeto geográfico e a língua escrita não é a mesma (sobretudo no que se refere a correspondência entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico) esta seria uma das (poucas) razões para a existência de cartilhas regionais. (SOARES, 2008, p.47)

Assim, para Soares (2010, p.48), os dialetos e expressões costumam mudar de acordo com as características regionais das crianças. É necessário levar em consideração o lugar onde a criança é criada, ou seja, seu meio e como ela é estimulada, pois as atividades de seu dia a dia ajudam o seu desenvolvimento e aprendizado, pois como as crianças que são mais estimuladas a lerem no seu dia a dia ficam mais próximas do dialeto convencional, já os que não têm esse incentivo e acabam lendo pouco e ficam distantes da cultura letrada.

Diante dessa realidade, faz-se necessário respeitar as diversidades dos alunos, sempre levando em consideração a sua realidade e suas características. Partindo disso, se tem um norte para um início de alfabetização.

Para Ferreira (2007, p.51), o processo de alfabetização é algo muito complexo, além de uma grande responsabilidade por parte dos educadores. Antes os educadores passavam o conhecimento sem ter a certeza se o aluno estava aprendendo o conhecimento, como se fossem tábuas rasas do conhecimento, no entanto, na atualidade assumem o papel do professor mediador e facilitador do conhecimento.

Teberosky (2007, p.89) ressalta que antes a alfabetização ficava focada somente na sala de aula com os mesmos exercícios repetitivos, sem significados que são atividades inerentes das teorias tradicionais e estes não despertavam a atenção da criança, algo mecânico, que muitas vezes levava a reprovação ou até mesmo evasão.

Ensinava-se a criança a desenhar letras e a construir palavras, porém não se ensinava a linguagem escrita, atualmente a alfabetização é construída junto com os pais que ajudam nesse processo com as atividades de lição de casa e os mesmos muitas vezes estimulam seus filhos através de leituras diárias que são feitas por eles e interpretadas pelas crianças através dos desenhos vistos nos livros.

As crianças podem começar seu processo de letramento antes mesmo de ser alfabetizada, pelo fato que o letramento pode ser realizado através das imagens que muitos livros trazem para que desperte a curiosidade da criança e esta se torne um leitor ativo, desta forma, é necessário exemplo que será o professor ou os pais.

As propagandas nas ruas fazem parte desse processo, pois as crianças ficam curiosas para saberem o que estão dizendo e procuram decifrar seu significado, por isso a importância da mediação neste processo de incentivo à leitura e descoberta de signos.

Para Freire (2006, p.43), o fato é que ler e escrever são duas ações necessárias e importantes no cotidiano das pessoas. Aprender a ler e a escrever envolve muitas formas de pensamento e de ação por parte da criança. Por esse motivo, é importante que o processo parta de sua realidade, do seu mundo e, uma vez iniciado no mundo das letras, o aluno terá, por certo, a sua leitura da realidade cada vez mais ampliada.

Carvalho (2005, p.42) questiona que, muitas vezes, o fracasso escolar está associado à prática do professor. De acordo com a autora, desde os anos 1980, é possível identificar diversos fatores escolares responsáveis repetência dos alunos e que afeta intensamente as turmas de alfabetização.

Para Carvalho (2005, p.79) as condições inadequadas de ensino que enfrentamos hoje está longe de se superar, pois com as turmas numerosas, o despreparo das professoras, os métodos inadequados e mal aplicados acabam que criando situações inadequadas de alfabetização.

Para Pena (2008, p.28), a alfabetização é caracterizada como uma fase que exige muita atenção, assistência individual ao alfabetizando, paciência e dedicação especial do professor, ainda que desfrute no espaço escolar de condições materiais e ambientais capazes de contribuir positivamente no sucesso de alfabetizar.

Pena (2008, p.38) afirma que nesta fase da alfabetização, o professor deve ser compreensivo com seu aluno e partir da realidade dele, isto é um meio de colaborar

com sua aprendizagem e valorizar suas vivências, seu mundo, suas características e utilizar de materiais e ambientes que o agradem para fazer de sua aprendizagem um mundo prazeroso e interessante

Pena (2008, p.39) relata que a alfabetização de hoje deve proporcionar aos alunos condições para desenvolver suas funções cognitivas que estimulem seu pensamento, ação e atuação sobre as a leitura de mundo de maneira independente, crítica e criativa.

Contudo, o professor deve ter consciência das mudanças que ocorrem com o decorrer do tempo tanto nos conhecimentos teóricos como na aplicação prática. Não podemos desprezar o passado pois por intermédio dele amplia-se o presente.

Teberosky (2007, p.69) afirma que a interação do professor só enriquecera ainda mais suas atividades. É importante trocar experiências, compartilhar atividades e metodologias, para se aprimorar as técnicas oferecidas em sala de aula.

Portanto, já se sabe que não se deve deixar de lado os conhecimentos prévios desses alunos e que com o passar dos tempos eles vão adquirindo mais conhecimentos e aprendem mais.

3.1 O LETRAMENTO

Define-se por letramento o uso da leitura e da escritura e percebeu-se que as vezes, as pessoas não têm o domínio dos códigos, mas domina a questão do letramento por meio do cotidiano e sua praticas sociais.

Soares (2006) afirma que o letramento envolve a leitura sendo um conjunto de habilidades assim como escrever, que compõem o processo de produção do conhecimento. Portanto:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. É o estado ou a condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Apropriar-se da escrita é torná-la própria, ou seja, assumi-la como propriedade. Um indivíduo alfabetizado, não é necessariamente um indivíduo letrado, pois ser letrado implica em usar socialmente a leitura e a escritura e responder às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES: 2006, p.6)

Portanto para a autora, o letramento é mergulhar com a leitura. Mas há

diferentes tipos e níveis de letramento, isso depende das necessidades, da criança e do meio social no qual está inserido.

O indivíduo letrado é aquele que aprende a leitura e a escrita e faz uso desses elementos, e se envolve em práticas sociais com o uso frequente dessas habilidades.

Soares (2006, p, 67-72) aponta dois elementos essenciais de letramento “Dimensão Individual e Dimensão Social”.

Para Soares (2010, p.38), a leitura vai além da decifração das letras e códigos, a leitura demonstra as habilidades sobre a língua e da capacidade concreta de comunicação. A segunda dimensão do letramento de acordo com Soares (2006, p.29) é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social e de certa forma dependem destes para viver em na sociedade letrada.

As relações entre letramento e sociedade não podem ser separadas de seu uso, pois é das experiências cotidianas que a maior parte das pessoas tem conhecimento de fato, do letramento.

Portanto, para Soares (2006, p.84), o letrar é importante para o desenvolvimento cognitivo e econômico e progresso da cidadania e também econômico do indivíduo.

Segundo Soares (2010, p.29), Paulo Freire foi um dos primeiros educadores a realçar o poder revolucionário do letramento, pois só assim, o indivíduo poderia transformar o mundo e sua realidade.

Soares (2010, p.90) afirma que a verdadeira natureza do letramento são as formas que as práticas de leitura e escritura são assumidas diante dos contextos sociais. Mas isso depende das instituições sociais que propõem e exigem essas práticas. Assim, entende-se que o letramento melhora a consciência de cada um, seja ela na interpretação da própria vida ou na própria atuação na sociedade.

Colello (2005, p.78) define que a alfabetização é o princípio da comunicação, ou seja, aprender o alfabeto. Para ela alfabetização é a aproximação das letras, dos códigos para se formar a palavras e com elas os textos e conseqüentemente a comunicação.

Para a autora, a alfabetização é o processo pelo qual se adquire as

competências e habilidades para ler e escrever.

Colello (2005, p.79) descreve que quando a pessoa faz uso da escrita, não fica restrito ao ler e escrever, mas em uma forma de comunicação e expressão em um mundo letrado.

Para Freire e Donaldo (2006).

A alfabetização é entendida por muitas pessoas como um processo de ensinar e aprender a ler e escrever, portanto, alfabetizado é aquele que lê e escreve. O conceito de alfabetização vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social”. (FREIRE, DONALDO 2006, p.47)

Nas investigações de Ferreiro e Teberosky (2010, p.39), cada pessoa deve entender qual o sentido verdadeiro das aprendizagens dos códigos escritos, somente tendo noção de sua aprendizagem, é que de fato irá se aprender a ler e escrever.

No campo da linguagem nos deparamos com o conhecimento, que ao conhecer os códigos escritos, nos faz pertencente de um grupo seleto de pessoas dentro de uma sociedade.

Alfabetizar não é apenas o ato simplório da decifração de códigos e letras, vai muito além, é algo totalmente político e social e o letramento não é simplesmente copiar e ler imagens, contudo os processos de alfabetização e letramento são indissociáveis e os dois visam as chamadas práticas sociais.

Para ler o mundo que nos cerca é necessário inteligência e criticidade em que essas habilidades serão desenvolvidas no campo escolar, e acima de tudo ter a noção de que compreender um texto é imensamente mais importante do que decorá-lo, a ação mecanizada não serve de absolutamente nada, se o leitor não souber do que se trata o assunto, além do que as práticas tradicionais na alfabetização já foram abolidas no campo pedagógico.

O prazer pelo hábito da leitura só virá quando de fato o leitor interagir e compreender o texto, acima de tudo o educando necessita de modelos para ser um efetivo leitor, desta forma, os pais e os educadores devem incentivar essas práticas constantemente, para que este crie a autonomia da leitura.

De fato, a leitura e a escrita, estão condicionadas ao meio social em que a criança está inserida, pois, por mais que a escola promova o hábito de ler e escrever, só será concretizado quando o educando tiver um exemplo diário.

Por meio da leitura e da escrita, o indivíduo pode expressar suas emoções e tudo aquilo que se tem vontade e transcende tudo o que faz parte de sua identidade e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada foi possível concluir que a forma como os adultos estão recebendo e processando a alfabetização recebida nas escolas pelos professores, depende de como é aplicada a metodologia utilizada e do ritmo de cada aluno para a aprendizagem.

O meio onde o adulto está inserido também é um fator de influência no processo de aprendizagem, pois este ao ingressar na educação, carrega consigo suas experiências vivenciadas de seu lar, ampliando e integrando sua cultura e suas relações sociais.

Portanto o professor deve conhecer e estar atento às etapas do desenvolvimento do aluno, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem. Ele deverá estabelecer uma relação de ajuda e de percepção com seus alunos.

Ser alfabetizado é participar das práticas de leitura e escrita e, portanto, podemos dizer então, em vista do material analisado e da pesquisa bibliográfica, que alfabetização e letramento são processos indissociáveis, pois, a alfabetização se ocupa da aquisição do código da escrita e leitura pelo aluno e deve se desenvolver em um contexto de letramento para que se possa alcançar o sucesso no processo de ensino aprendizagem.

Assim, o professor é a pessoa mais importante na realização da alfabetização de seus alunos, e vai despertar o domínio da leitura e da escrita de forma lúdica e prazerosa, proporcionando assim uma aprendizagem significativa.

A alfabetização não tem a melhor idade, mas todos nos já começamos a ser alfabetizados desde cedo com o simples ato de aprender a falar, cantar e nos expressar.

Além disso, constou-se que as práticas de alfabetização e letramento são distintas e que dependem da individualidade da criança, pois embora essas concepções sejam trabalhadas na instituição escolar, os aspectos sociais e culturais também interferem.

A tecnologia que permeia o nosso atual século XXI, possui características próprias de linguagem e letramento que também devem ser abordadas e ensinadas na escola, pois no decorrer da vida desses educandos, esta modalidade linguística

permeará seu cotidiano.

Portanto, deve acima de tudo valorizar o entorno em que este está inserido, para que desta forma haja uma formação de conhecimento significativo, que realmente tenha importância na vida deste educando da EJA. que frequentam os bancos escolares.

Além disso, foi possível concluir, que acima de tudo uma educação e alfabetização de qualidade gera uma nação que pensa no futuro e que de fato se importa com os cidadãos que frequentam os bancos escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. – 2ª Ed – São Paulo: Cortez, 1995.

COLELLO, S. M. G. **Alfabetização em questão**. 3 ed., São Paulo: Graal, 2005.

FERREIRO, Emilia; PALÁCIO, Margarita Gomes. **Os Processos de Leitura e Escrita: novas perspectivas**. 2 ed., Porto Alegre: Artmed 2007.

_____, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

FREIRE, Paulo; DONALDO, Macedo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **O brincar e a cultura**. Anais do Seminário Literatura, Arte, Educação, Luso Brasileiro. 4 ed., São Paulo: Mimeo, 2008.

PAIVA, Jane. **Educação de jovens e adultos: questões atuais em cenário de mudanças**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (orgs.). Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 29-42.

SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana. SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana (org.). **Reflexões sobre a educação de jovens e adultos – EJA**. In: Educação de jovens e adultos: Novas paisagens em curso de formação de professores estaduais. Porto Alegre: PALLOTTI, 2006.

SCHMIDT, Maria Helena Costa Braga; MARQUES, Maria Lúcia; COSTA, Vera Lúcia Vãos Gomes da. **O processo de aquisição da leitura e da escrita na infância**. In: DIAS, Marina Célia Moraes; NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs.). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 193-205.

SOARES, Magda Becker. **As muitas facetas da alfabetização**. 6 ed., Minas Gerais, 2006.

SOARES., Magda Becker.. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____, Magda Becker. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: 26ª Reunião

Anual da ANPEd, 2003. GT 10 – **Alfabetização, Leitura e Escrita**. Disponível em:<www.scielo.br>. Acesso em 10 setembro 2018.

_____, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.
Educação & Sociedade: Revista de Ciências e Educação. V. 23, n 81, São Paulo:
Cortez; Campinas, CEDES,dez. 2002. p. 143-60.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo escrever**: perspectivas psicológicas e
implicações educacionais. 4 ed., São Paulo: Ática, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4 ed., São Paulo: Martins Fontes,
2011.